

## Resenha do Livro *Hilando Fino: Desde el Feminismo Comunitario*

*Book Review Hilando Fino: From The Community Feminism*

*Reseña del Libro Hilando Fino: Desde el Feminismo Comunitario*

### **Hilando Fino. Desde el Feminismo Comunitario.**

PAREDES, Julieta. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2010. 66 págs.

#### 1. Informações: Autora e Obra

Em La Paz, no ano de 1967, nascia a boliviana Julieta Paredes. Além de ser poeta, ela é militante feminista e pesquisadora versada na temática descolonial. Entre suas contrições, está o livro “Hilando Fino: desde el feminismo comunitario”<sup>1</sup>. Nas primeiras páginas dessa obra, encontramos uma *presentación a la segunda edición* e *Prólogo a la edición mexicana*. E a organização da discussão está dividida assim:

*Introducción;*

1 **Pateando el tablero:** [1.1 *Para recibir el alma, ajayu del cambio, hay despachar el fantasma del neoliberalismo;* 1.2 *Em la quemada del neoliberalismo estuvimos todas;* 1.3 *El entroque patriarcal*];

2 **Uma ruptura epistemológica com el feminismo occidental** [2.1 *El Chacha-Womi no es varita mágica que barra las discriminaciones;* 2.2 *El par complementario del feminismo comunitario;* 2.3 *¿Qué cosa es entonces la comunidad?*];

3 **¡¡Ahora es cuando!!** [3.1 *Cuerpo;* 3.2. *Espacio;* 3.3 *Tiempo;* 3.4 *Movimiento (Organizaciones y Propuestas Políticas);* 3.5 *La memoria*]

*Conclusiones*

Por mais que o livro esteja escrito em espanhol, é importante destacar que é de fácil apreensão na maior parte da leitura. No entanto, algumas categorias usadas pela autora podem comprometer a compreensão. Para essas categorias, é necessário ter conhecimento prévio.

#### 2. As Vozes das Bolivianas Através de Julieta Paredes

Na introdução de “Hilando Fino: desde el feminismo comunitario”, tomamos consciência que a obra procura “interpretar lo que el feminismo comunitario es, o lo que las mujeres indígenas hacemos, como un nuevo intento de recolonizar la palabra nuestras” (2013: 38).

O 1º capítulo concentra uma vasta discussão dividida em três tópicos: no primeiro, ela apresenta como será feita a análise dela; no segundo, que é dividido em três partes, ela aborda sobre a perspectiva, o enfoque e a equidade de gênero, assim como também apresenta as propostas de feministas autônomas (que é a respeito das comunidades de mulheres que estão criando comunidades) e as visões das mulheres dos setores populares.

No item 1.1, a pesquisadora nos informa que realizará duas análises: uma sobre fase neoliberal, que não terminou e tem características próprias. Nessa perspectiva, ela pontua que toda a América Latina, desde 1985 está em um ajuste estrutural cuja as bases político-econômicas estão assentadas pelo imperialismo. O pretexto para os ajustes foi “resolver” os problemas econômicos que os próprios capitalistas imperialistas causaram. E a outra análise

<sup>1</sup> Disponibilizado na internet desde 2013, em espanhol.

é sobre as políticas públicas para as mulheres Bolivianas através de 5 aspectos<sup>2</sup> para entender esse país na atualidade (onde grupos racistas e fascistas que buscam a guerra civil e a divisão da Bolívia têm assassinado e perseguido pessoas que sonham com um país sem violência e com direitos iguais).

Em seguida, no item 1.2, a pesquisadora: no **I**), nos informa que, entre 1960 e 1970, o conceito de *gênero* deixou de ser revolucionário, e que, na América Latina, *gênero* foi usado por mulheres brancas e da classe média para impor políticas públicas neoliberais. Na Bolívia, as feministas começaram a usar a abordagem de gênero mas descobriram a importância da *classe* e da *etnia*, e assim elas passaram a tirar força política desse conceito, transformando-o em igualdade de gênero. Mas não foi possível ter equidade de gênero, porque tal conceito revela e denuncia a opressão; no **II**), a autora destaca o documento Dignidade e Autonomia<sup>3</sup>, que reivindica o direito de falar por si só. Foi utilizado esse texto para mostrar, por exemplo, que as ONGs estavam subordinadas às políticas de cooperação internacional e que elas não levavam em conta a cultura e a realidade social da Bolívia; e na **III**), é mostrado que grupos de mulheres repensaram, à sua própria maneira, suas ações, considerando que 1) a emancipação delas veio como consequência da mudança de estruturas, 2) a situação delas mudou, se comparado a um passado pré-colonial, 3) a necessidade de entender *equidade de gênero* por parte de algumas mulheres de setores populares (de bairros urbanos).

E, por fim, no item 1.3, a pesquisadora nos leva a refletir que é preciso reconhecer que historicamente houve conexão entre o patriar-

cado pré-colonial e ocidental.

No 2º capítulo, há 4 itens de discussão. Mas, antes, a pesquisadora destaca a história do feminismo e sua relação com a Rev. Francesa e o liberalismo burguês, e diferencia o Feminismo Comunitário (abordando a ideia de comunidade como um princípio inclusivo que cuida da vida).

Nós passamos a saber, no item 2.1, que há pessoas que acreditam que o feminismo não é necessário nas comunidades, porque já existiria prática da complementaridade. Mas tal prática, também nomeada de *chacha-wormi* (homem-mulher), não reconhece a situação das indígenas, naturaliza que elas tenham papéis nas comunidades e discriminação; e não denuncia o gênero.

Nas comunidades, o *par* é apresentado através do casal heterossexual, onde o homem tem privilégios (no sentido que ele foi escolhido por eleição que lhe dá força e legitimidade) e a mulher é a subordinada (pois a ela está do lado dele sem ter sido eleita, sem força de representação e legitimidade). De uma forma geral, a pesquisadora nos possibilita refletir que, para repensar o *par complementar*, é preciso se afastar da prática sexista e conservadora de *chacha-wami*.

É apresentado, no 2.2, que a reconceitualização do *par* poderia oferecer a existência, a representação e a decisão. Mas, para isso, é importante reconhecer a comunidade como ponto de partida e chegada para a transformação da mesma.

A pesquisadora, no 2.3, aborda sua ideia de comunidade como algo que inclua todas (rurais, indígenas, urbanas, religiosas, políticas, educativas, sexuais e etc.). Ela também reflete a

<sup>2</sup> **I.** El colonialismo histórico y el interno han servido de base racial para las políticas de ajuste neoliberal; **II.** Reducción del Estado a función de árbitro porcializado con los intereses transnacionales; **III.** La iniciativa económica y productiva del país o lo que se entiende por desarrollo dejó de ser un asunto de Estado y de decisiones del gobierno; **IV.** Para implantar esta enajenación de las decisiones de un país ha necesitado construir un esquizofrénico imaginario de democracia participativa e inclusión; **V.** Las mujeres son imprescindibles a estas reestructuraciones neoliberales como parche y mono de obra barata para las reformas estructurales.

<sup>3</sup> Pequim, anos 1990.

respeito de que a humanidade tem duas partes diferentes (pessoas) que constroem identidades autônomas, mas que também constroem uma identidade comum.

É apresentado, no 2.4, a ideia que a comunidade contém diferenças e diversidades (seja geracional, sexual, cor, ideologias, religiosidade ou de conhecimento, habilidades, capacidades e etc.). Nessa perspectiva, a pesquisadora nos faz refletir que a comunidade é viva e vive, assim como se projeta e constrói complementaridades, reciprocidades e autonomias não hierárquicas.

O 3º capítulo contém cinco tópicos/ações. Mas, antes, a pesquisadora informa sobre sua proposta de incluir ação e luta como categorias políticas para fortalecer as organizações de mulheres.

É pontuado, no 3.1, o *corpo* como: forma de existência individual, social e sua relação com a natureza; assim como também sexualidade, identidade, cor da pele e etc. A partir dessas ideias, a pesquisadora reflete que o corpo é o lugar onde as relações de poder podem marcar a vida de uma pessoa de forma opressiva, mas, apesar disso, o corpo também seria um lugar de liberdade. Nessa perspectiva, a pesquisadora destaca que é importante: descolonizar a ideia que alma e corpo estão separados; realizando isso, o corpo pode ser pensando como integralidade (entre biogenética, com afetividade, sensibilidade, sentimentos, erotismo, espiritualidade, sensualidade e criatividade). Ao final desse item, Julieta expõe uma lista de ideias para pensar o corpo como integrado. Ideias como *salud, no violência; comer bien, seguridad alimentaria* são algumas que ela menciona.

Há ponderações, no 3.2, a respeito do *espaço* como campo vital para o desenvolvimento do corpo. Esse espaço conteria dois *envolventes*

que abarca e inclui tudo o que é propício à vida, e que também oferece localização para a comunidade. A pesquisadora utiliza a ideia/conceito sobre o espaço como sendo o recipiente da vida, pois ela considera que o espaço pode ser: tangível (a casa, a escola, a fábrica, a oficina, o bairro e etc.); e intangível (o político, o cultural, ou seja, espaços onde decisões são imaginadas, criadas e desenvolvidas); e também pode ser compreendido como horizontal<sup>4</sup> e vertical<sup>5</sup> (acima e abaixo). Com tais ideias, Julieta nos leva a pensar o *lugar* como espaço onde ocorre a vida, e onde a vida se move e se promove nas sociedades. No fim do item, há uma lista sobre o espaço para as mulheres, com as seguintes ideias: *tierra y territorio; vivienda; espacio dentro la vivienda; e* entre outras.

É abordado, no 3.3, a ideia de *tempo* por uma perspectiva diferente do ocidente. Nesse sentido, a autora pontua sobre a concepção de tempo fundamentada e regida pela agricultura e que é compreendido como um intervalo, ou um período para se auto avaliar e se questionar. Também são destacadas a ideia de tempo importante – vivenciado pelos homens que são privilegiados e suas ocupações são tidas como valorosas – e o tempo que não é importante – vivenciado por mulheres com suas funções domésticas que são desvalorizadas; e ela também discute o conceito de vida cotidiana, que, de um lado, é compreendido como movimento cíclico e, na perspectiva patriarcal, visto como secundário, chato, sem transcendência e atribuído às mulheres. No fim dessa parte, há uma lista de ações que envolve a compreensão do tempo para as mulheres, considerando, por exemplo, *compartir, monetizar y valorar economicamente lo trabajo doméstico*.

É abordado, no 3.4, a ideia que o *movimento* é uma categoria política que permite ter sonhos e assumir responsabilidades; também

<sup>4</sup>Horizontal é o do território, o lugar onde há decisões as decisões políticas, sobre os espaços da comunidade.

<sup>5</sup>O vertical reúne o Acima, o Aqui e o Abaixo. Esse aspecto vertical estaria relacionado com a complementaridade e reciprocidade com a Mãe Terra e o Cosmo

possibilita situar a comunidade no que diz respeito às relações de poder, e de fazer suas decisões uma realidade; é uma das propriedades da vida que permite construir um corpo social comum que luta para viver (e bem); também é relacional entre mulheres da mesma e de outras comunidades. No fim desse item, há uma lista de ações sobre o movimento e as mulheres, com ideias de *organizaciones propias; garantía de derechos, portavoces, dirigentes y facilitadora*; e entre outras.

Em 3.5, é apresentado que a *memória* é uma categoria usada para expressar cosmogonia; detém força e energia para construir identidades; liga as pessoas aos seus ancestrais; permite encontrar algo ou alguém único e que é semelhante. O conceito de *memória longa* é mencionado de forma crítica, pois tal ideia daria a entender que havia um mundo perfeito para as mulheres antes da colonização. De acordo com a autora, é preciso reconhecer o patriarcado, a opressão e injustiças herdadas e que havia na era pré-colonial. Como sugestão, Julieta diz que é preciso despatriarcalizar a memória e reconhecer a existência de mulheres antipatriarcal que contribuíram para as lutas das mulheres, e que hoje estão idosas. A finalização desse item, e consequentemente do capítulo 3, ocorre após a pesquisadora oferecer uma lista de ações que está relacionada à *memoria de las mujeres*. Vejamos algumas dessas ações: *sabidurías de las mujeres; la producción; salud; construcción de las casas; la organización*; e etc.

Por fim, Julieta Paredes apresenta as *Conclusiones* do livro. Em suma, são retomadas as cinco ações como algo que leva a luta pelos direitos de uma vida com amor, prazer e realizações. Ela ainda nos diz que o pensamento do feminismo comunitário tem muito mais coisas a dizer e construir, e muitos sonhos para serem realizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Las mujeres somos la mitad de cada pueblo” (PAREDES, 2013. pág. 47). Essa frase inicial do primeiro capítulo propõe uma quantificação que foi destacada pela pesquisadora de forma crítica para refletir que, apesar das mulheres serem a metade, essa quantidade não é percebida pelas instituições que *desenvolvem* políticas públicas. A autora chega a mencionar que tais instituições tratam os problemas que as mulheres fazem denúncias como um pequeno setor que *sempre pode esperar* para ser resolvido.

A partir de tal observação, Julieta nos leva a uma discussão que pode ser dividida em dois momentos: no primeiro, com a história da Bolívia e sua relação com neoliberalismo, feminismo, comunidades e entre outros assuntos que também expressam as mudanças desfavoráveis e favoráveis a esse país; e, no outro, um idealismo que pervença no desejo por mudanças no âmbito da cultura e da política, uma vontade transformadora que considere concepções comunitárias de integralidade entre corpo e alma, e ideias de complementariedade que sejam despatriarcalizadas (como é o caso do *chacha-warmi*).

Sendo uma militante feminista, não poderia faltar suas propostas e sugestões com finalidade de mudanças sociais. Nessa perspectiva, podemos observar que o terceiro capítulo contém um arcabouço conceitual dinâmico e interativo, como ela mesmo diz, do qual as mulheres podem utilizar para contribuírem com soluções a partir de suas próprias realidades. Assim, a autora consegue trazer algumas vozes das comunidades boliviana para pensar um feminismo que considere a integralidade entre humanidade, natureza e cultura. Mas levando em conta que tal cultura precisa ser despatriarcalizada, principalmente no que diz respeito às políticas que precisam ser pensadas para garantir os direitos de todas as mulheres.



*Hilando Fino: desde el feminismo comunitario* é, assim, uma obra que nos permite conhecer a Bolívia por um outro viés, e também a questionar a relação do feminismo com o neoliberalismo a partir de grupos de mulheres da comunidade que lutam por direitos à saúde, à educação e por políticas públicas.

## REFERÊNCIA

Disponível em: <<https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julieta-hilando-fino-desde-el-feminismo-comunitario.pdf>>. Acesso em junho de 2022

**Kellen Borges** – Mestrado e Graduação em Ciências da Religião UEPA). Especialista em Filosofia (Estácio de Sá). Discente do curso de Especialização em Gênero e Feminismos na América Latina (UFPA). E-mail: [kellen.borges@hotmail.com](mailto:kellen.borges@hotmail.com)

